



12

DASHIELL HAMMETT
COLHEITA SANGRENTA

tradução de
DORA REIS

LIVROS DO BRASIL

UMA MULHER DE VERDE E UM HOMEM DE CINZENTO

A primeira vez que ouvi falar de Personville foi através de um indivíduo grosseiro ruivo chamado Hickey Dewey, no Big Ship em Butte¹, que lhe chamava Poisonville. Mas como ele também dizia *pogama* em vez de programa, não dei grande importância ao nome que dera à cidade. Mais tarde, verifiquei que pessoas que diziam os rr pronunciavam o nome da mesma forma. E, ainda assim, para mim aquilo não passava do tipo de humor barato que diz que uma «missão» é uma «missa muito longa». Só anos mais tarde, quando fui a Personville, se fez luz.

Na estação, liguei para o *Herald*, pedi para falar com Donald Willsson e avisei-o da minha chegada.

— Pode passar na minha casa hoje às dez da noite? — disse, numa voz agradavelmente decidida. — Fica no Mountain Boulevard, 2101. Apanha o elétrico para a Broadway, sai na Laurel Avenue e depois anda dois quarteirões em direção a oeste.

Ficou assim combinado. De seguida, dirigi-me ao Great Western Hotel, desfiz as malas e fui dar uma volta pela cidade.

¹ Butte, cidade mineira no estado de Montana, foi palco de uma sangrenta greve mineira em 1917, que resultou no assassinio do sindicalista Frank Little. O próprio Hammett passou três anos nesta cidade a trabalhar como detetive privado para a Agência de Detetives Pinkerton — esta experiência revelar-se-ia decisiva na vida do autor enquanto homem de esquerda. (*N. da T.*)

Não era uma cidade bonita: grande parte dos construtores enveredara por um estilo ostensivo. De início, é possível que tivessem tido sucesso. Mas, de então para cá, as fundições, cujas chaminés de tijolo se aglomeravam para sul de encontro a uma montanha sombria, tinham banhado tudo numa cor amarelada, uniforme e soturna. O resultado era uma cidade feia, com quarenta mil habitantes, aninhada entre duas montanhas muito feias que as atividades mineiras haviam coberto de pó. Por cima deste cenário, estendia-se um céu fuliginoso que parecia saído das chaminés das fundições.

O primeiro polícia que avistei estava a precisar de fazer a barba. Ao segundo faltavam-lhe alguns botões no uniforme coçado. O terceiro estava parado no meio do cruzamento principal — entre a Broadway e a Union Street —, a regular o trânsito com um cigarro pendurado ao canto da boca. Depois disso, desisti das minhas observações.

Às nove e trinta, apanhei o elétrico para a Broadway e segui as instruções que Donald Willsson me dera. Conduziram-me a uma casa, implantada numa esquina, com um relvado vedado.

A criada que me veio abrir a porta informou-me que Mr. Willsson não estava em casa. Enquanto explicava que tinha encontro marcado com ele, uma mulher loura e esbelta com pouco menos de trinta anos, com um vestido de crepe verde, aproximou-se da porta. Quando sorria, os seus olhos azuis não perdiam o ar glacial. Repeti-lhe a minha explicação.

— O meu marido neste momento não está. — Um sotaque quase impercetível distorcia-lhe os ss. — Mas, se ele está à sua espera, provavelmente não deve tardar.

Conduziu-me a uma saleta no andar de cima, que dava para a Laurel Avenue; uma saleta castanha e vermelha com muitos livros. Sentámo-nos em poltronas de pele, meio virados um para o outro, meio virados para um fogão a lenha aceso, e ela

começou a indagar sobre o assunto que me levava a falar com o marido.

— O senhor vive aqui, em Personville? — foi a primeira pergunta.

— Não. São Francisco.

— É a primeira vez que cá vem?

— Sim.

— Ah, sim? E o que acha da cidade?

— Não vi ainda o suficiente para poder formar uma opinião. — Era mentira. Já tinha visto o suficiente. — Só cheguei esta tarde.

Os seus olhos brilhantes deixaram de me examinar por um instante, quando comentou:

— Terá a oportunidade de constatar que é uma terra desolada. — Depois voltou a sondar-me: — Mas suponho que as cidades mineiras sejam todas assim. Trabalha no ramo mineiro?

— De momento, não.

Olhou para o relógio em cima da prateleira do fogão e declarou:

— É uma falta de consideração do Donald dizer-lhe para vir e deixá-lo à espera a estas horas da noite, pouco adequadas para tratar de negócios.

Disse que não havia problema.

— Talvez não sejam assuntos de trabalho... — sugeri.

Não respondi.

Ela riu-se — um riso breve, algo cortante.

— Para lhe dizer a verdade, não costumo ser assim tão intrometida como possa parecer — disse numa voz jovial. — Mas esse seu secretismo deixa-me curiosa. O senhor não é contrabandista, ou é? O Donald está sempre a arranjar novos.

Limitei-me a deixá-la tirar as suas próprias conclusões, esboçando um sorrisinho.

Um telefone retiniu no andar de baixo. Mrs. Willsson esticou os pés calçados de verde diante do fogão e fingiu não ter ouvido o toque. Não percebi a razão que a levava a agir assim.

Começou:

— Receio ter de... — E interrompeu-se para olhar para a criada que aparecera à porta.

A criada declarou que Mrs. Willsson era chamada ao telefone. Ela desculpou-se e saiu da sala, acompanhando-a. Não desceu; usou uma extensão que ficava ao alcance dos meus ouvidos.

Escutei:

— Fala Mrs. Willsson... Sim... Como?... Quem?... Pode falar um pouco mais alto?... *O quê?*... Sim... Sim... Quem fala?... Estou! Estou!

O gancho do telefone fez clique. Ouviram-se os seus passos no corredor — passos apressados.

Acendi um cigarro, fitando-o, até a ouvir descer as escadas. Depois aproximei-me da janela, levantei a ponta da cortina e fiquei a observar a Laurel Avenue e a garagem branca e quadrada que ficava nas traseiras da casa, naquele lado.

Passado um instante, surgiu uma mulher esguia de sobretudo escuro e chapéu, caminhando apressadamente para a garagem. Era Mrs. Willsson. Vi-a afastar-se num *Buick coupé*. Regressei à minha poltrona e esperei.

Passaram-se três quartos de hora. Às cinco para as onze, ouviu-se lá fora o guinchar de travões. Dois minutos depois, Mrs. Willsson entrou na saleta. Tirara o chapéu e o sobretudo. Tinha o rosto lívido, os olhos pareciam quase pretos.

— Peço imensa desculpa — disse, numa justificação soprada a tremer por entre os lábios cerrados e franzidos. — O meu marido não virá para casa esta noite.

Respondi-lhe que entraria em contacto com ele na manhã seguinte no *Herald*.

Retirei-me, intrigado, perguntando-me porque estaria a ponta verde do sapato esquerdo dela manchada e húmida com algo que parecia ser sangue.

Caminhei até à Broadway e apanhei um eléctrico. Saí três quarteirões a norte do meu hotel para ver o que fazia uma multidão reunida em redor da entrada lateral da Câmara Municipal.

No passeio, estavam trinta ou quarenta homens, e umas quantas mulheres, parados a olhar para uma porta com a inscrição: «Departamento de Polícia». Eram operários das minas e das fundições que ainda envergavam a roupa de trabalho, rapazes janotas saídos de salões de jogos e de dança, homens elegantes de rosto liso e pálido, homens com o ar monótono de maridos respeitáveis, algumas mulheres igualmente monótonas e respeitáveis, e umas quantas mulheres da noite.

Detive-me na periferia deste ajuntamento, junto a um homem encorpado de roupa cinzenta amarrotada. O seu rosto era também ele acinzentado, mesmo os lábios grossos, embora não aparentasse ter muito mais de trinta anos. Tinha uma cara larga, feições marcantes e inteligentes. A única nota de cor era uma gravata vermelha com nó Windsor, que desabrochava por cima da camisa de flanela cinzenta.

— Qual é o motivo da algazarra? — perguntei-lhe.

Ele observou-me cuidadosamente antes de responder, como se quisesse assegurar-se de que a informação ficaria em boas mãos. Os seus olhos eram cinzentos como a roupa, mas não tão suaves.

— O Don Willsson entregou a alma ao Criador; vai é um pouco esburacada das balas.

— Quem é que o matou? — perguntei.

O homem cinzento coçou o pescoço e disse:

— Alguém com uma pistola.

Eu queria informações, não piadinhas. Teria tentado a minha sorte com qualquer outro elemento da multidão, não fosse a gravata vermelha ter despertado o meu interesse. Disse:

— Eu não sou de cá. Força, divirta-se à vontade, é para isso que servem os estranhos.

— Sua excelência, o senhor Donald Willsson, diretor do *Morning Herald* e do *Evening Herald*, foi encontrado há bocado na Hurricane Street morto e bem morto por autor ou autores desconhecidos — ciciou ele com voz monocórdica. — Isto já não ofende os seus sentimentos?

— Obrigado. — Estendi um dedo e toquei-lhe na ponta da gravata. — Tem algum significado especial? Ou usa-a só por usar?

— O meu nome é Bill Quint.

— Diabos me levem! — exclamei, tentando situar o nome. — Ah, tenho o maior prazer em conhecê-lo!

Tirei a minha carteira do bolso e vasculhei por entre a cole-tânea de cartões que recolhera aqui e ali, desta ou daquela maneira. O cartão vermelho era o que eu procurava. Identificava-me como Henry F. Neill, marinheiro, reputado membro da IWW¹, Trabalhadores da Indústria do Mundo. Não havia um pingão de verdade nestas palavras.

Entreguei o cartão a Bill Quint. Este leu-o cuidadosamente, frente e verso, devolveu-mo e olhou-me de cima a baixo, não sem desconfiança.

— Ele não vai morrer segunda vez — disse. — Para que lado vai?

¹ Industrial Workers of the World (IWW): organização sindicalista norte-americana, fundada em 1905 em Chicago, de raiz anticapitalista, que teve um importante papel histórico na luta contra as elites empresariais e políticas dos Estados Unidos. (*N. da T.*)

— Qualquer um.

Descemos a rua juntos, virámos a esquina, tanto quanto percebi sem destino.

— O que o trouxe cá, se é marinheiro? — perguntou ele, casualmente.

— Onde é que foi buscar essa ideia?

— Ora essa, estava no cartão.

— Tenho outro que prova que sou o rei dos lenhadores — disse. — Mas, se quiser que eu seja mineiro, arranjo-lhe esse para amanhã.

— Ah, isso é que não. Quem manda aqui sou eu.

— E se receber um telegrama de Chicago? — perguntei.

— Para o diabo Chicago! Quem manda aqui sou eu. — Acenou para a porta de um restaurante e perguntou: — Vai um copo?

— Se conseguir arranjar um¹.

Atravessámos o restaurante, subimos um lanço de escadas que nos conduziu a uma divisão estreita no primeiro andar, com um balcão corrido e uma fila de mesas. Bill Quint acenou com a cabeça, saudou alguns dos rapazes e raparigas sentados às mesas e ao balcão e conduziu-me a um dos reservados atrás de uma cortina verde que se encontravam na parede oposta ao balcão.

Passámos as duas horas seguintes a beber *whiskey* e a conversar.

O homem cinzento achava que eu não tinha direito ao cartão que lhe mostrara nem ao outro de que lhe falara. Na opinião dele, eu não era um filiado de confiança. Como manda-chuva da IWW em Personville, considerava ser seu dever examinar-me à lupa, sem se deixar espremer sobre assuntos mais radicais.

Não me importava. Eu estava mais interessado nos assuntos

¹ A história passa-se na época da Lei Seca, que proibia a produção, venda e consumo de bebidas alcoólicas. (*N. da T.*)

de Personville, e ele não se importava de os discutir por entre uma ou outra achega por causa da questão dos cartões vermelhos.

O que consegui saber dele resume-se a isto:

O velho Elihu Willsson — pai do homem que tinha sido morto naquela noite — fora dono de Personville, quarenta anos a fio, de alma, coração, pele e tripas. Era o presidente e principal acionista da Personville Mining Corporation, idem do First National Bank, proprietário do *Morning Herald* e do *Evening Herald*, os únicos jornais da cidade, e sócio de quase todas as empresas de alguma importância. Além destas propriedades, pertencia-lhe ainda um senador dos Estados Unidos, uns quantos representantes, o governador, o presidente da Câmara, e a maioria do corpo legislativo do estado. Elihu Willsson *era* Personville, e era quase o estado inteiro.

Acontecera que, nos tempos da guerra, a IWW, que então vivia uma época de expansão em todo o Oeste, mobilizara o proletariado da Personville Mining Corporation. Os operários não eram propriamente bem tratados por Willsson. De maneira que usaram a nova força para exigir o que queriam. O velho Elihu deu-lhes o que tinha de dar e esperou por melhores tempos.

Esses chegaram em 1921. O negócio estava nas lonas. Ao velho Elihu tanto lhe fazia se tivesse de fechar por uns tempos ou não. Anulou os acordos que tinha com os homens e começou a despedi-los, devolvendo-os às condições que tinham antes da guerra.

É claro que estes começaram a gritar por ajuda. Bill Quint tinha sido então enviado pela sede da IWW, em Chicago, para os incitar à ação. Ele era contra uma greve, contra um protesto aberto. Aconselhou o velho truque da sabotagem: permanecer no local de trabalho e minar as coisas do interior. Mas para o proletariado de Personville isso não era suficientemente dinâmico: queriam ficar no mapa, fazer história laboral.

Entraram em greve.

A greve durara oito meses. Ambos os lados sofreram bastante. Os sindicalistas tiveram de sofrer também. O velho Elihu contratara pistoleiros, fura-greves, homens da Guarda Nacional e até unidades do exército para tratar do assunto. Quando se rachou o último crânio, se esmagou a última costela, o movimento sindicalista de Personville tinha desaparecido.

Mas, disse Bill Quint, o velho Elihu não conhecia a história italiana: ele podia ter vencido os grevistas, mas perdera o seu poder sobre a cidade e o estado. Para vencer os mineiros, fora obrigado a dar carta-branca aos rufiões que contratara. Quando a luta acabou, não se conseguiu livrar deles. Entregara-lhes a cidade e não tinha poder suficiente para a arrancar das suas garras. Personville agradava-lhes e, por isso, conquistaram-na. Tinham derrotado a greve por ele e ficaram com a cidade como despojo de guerra. Não podia romper com eles abertamente. Tinham-no na mão. Era responsável por tudo o que haviam feito durante a greve.

Quando a conversa chegou a este ponto, já Bill Quint e eu estávamos bem bebidos. Ele esvaziou de novo o copo, desviou o cabelo dos olhos e concluiu a história:

— O mais poderoso agora é capaz de ser o Pete Finlandês. Esta pomada que estamos a beber é dele. E há ainda o Lew Yard. Tem uma loja de crédito ali na Parker Street, empresta uma data de dinheiro para pagar fianças, tem o dedo em quase todas as negociatas aqui do lugarejo, ao que se diz, e é unha com carne com o Noonan, o chefe da polícia. E este rapazito, o Max Thaler... o Sussurro..., também tem uma data de amigos. Um tipo baixote e escorregadio de pele escura, que tem qualquer coisa na garganta. Não consegue falar. Mete-se no jogo. Estes três, mais o Noonan, ajudam o Elihu a governar a cidade; ajudam mais do que ele quer. Mas tem de alinhar com os gajos, senão...

— Este tipo que mataram esta noite, o filho do Elihu, onde é que ele se encaixava? — perguntei.

— Onde o pai o punha, e lá onde ele está agora foi onde o pai o pôs.

— Quer dizer que o pai o...?

— Se calhar, mas eu não aposto muito nisso. Esse Donald tinha acabado de voltar para casa e começara a tratar dos jornais para o velho. O velho diabo, mesmo que estivesse com os pés para a cova, não ia deixar que lhe levassem nada sem estrebuchar. Mas ele tinha de ser manhoso com estes tipos. Trouxe o rapaz e a mulher francesa de Paris para cá e fez dele fantoche, um belo truque paternal. O Don começou uma campanha de reforma nos jornais. Limpar a terra de vício e corrupção, o que significava livrar-se do Pete, do Lew e do Sussurro, se chegasse a esse ponto. Percebe? O velho usava o rapaz para os sacudir daqui para fora. E, ao que parece, os tipos fartaram-se de ser sacudidos.

— Há aí umas coisas que parecem não bater certo — disse eu.

— Há muita coisa neste vilarejo miserável que não bate certo. Já lhe chega desta pinga?

Disse que sim. Descemos a rua juntos. Bill Quint disse-me que estava hospedado no Miner's Hotel, na Forest Street. Ficava em caminho, por isso fomos juntos. Em frente do meu hotel estava um tipo musculoso com ar de polícia à paisana, parado na berma a conversar com o ocupante de um *Stutz*.

— Aquele no carro é o Sussurro — esclareceu Bill Quint.

Passei o olhar pelo homem musculoso e vi o perfil de Thaler. Era jovem, moreno e baixote, com feições bonitas e regulares como se tivesse saído de um molde.

— É giro — disse.

— Hum — concordou o homem cinzento —, giro como a dinamite.